



## 1841: A DIVISÃO HISTÓRICA MUNDIAL NA FILOSOFIA OCIDENTAL o “expurgo do hegelianismo”

### 1841: THE WORLD-HISTORIC SPLIT IN WESTERN PHILOSOPHY the expurgation of hegelianism

Por

Andy Blunden<sup>1</sup>

[Tradução de Carlos Eduardo Nogueira Facirolli<sup>2</sup>]

Além de ter sido adotado pela monarquia prussiana como uma espécie de credo oficial, Hegel deixou para trás um movimento que inspirou fortes críticas revolucionárias à sociedade oficial que o havia santificado.

Os dez anos após a morte de Hegel foram o apogeu do hegelianismo. Seus alunos, que haviam vivido sob o feitiço do mestre durante sua vida, saíram e popularizaram seus ensinamentos e os traduziram para a linguagem política - ou, muito mais corretamente, traduziram a política para a linguagem do hegelianismo.

Em 1841, o *establishment*<sup>3</sup> deliberadamente mudou-se para "eliminar a semente de dragão do panteísmo hegeliano" das mentes da juventude prussiana. Um recém-nomeado Ministro da Cultura mobilizou Friedrich Schelling para ir a Berlim e fazer o trabalho.

Friedrich Schelling foi o segundo e, em 1841, o único representante vivo da Filosofia Alemã Clássica. O ex-professor de Filosofia em Jena, após a demissão de Fichte por heresia, que, quando jovem, fora amigo íntimo de Hegel, encorajara Hegel e contava com seu apoio em sua luta contra Fichte. Embora empurrado para o fundo filosófico pelo grande G.W.F. Hegel, ele também tinha sobrevivido a Hegel.

Pergunte a qualquer um em Berlim hoje, em que campo a batalha pelo domínio sobre a opinião pública alemã na política e religião, isto é, sobre a

---

<sup>1</sup> BLUNDEN, A. 1841: The World-Historic Split in Western Philosophy The “Expurgation of Hegelianism”. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/hegel/help/1841.htm>. Tradução e publicação autorizadas pelo autor.

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: [facirolli.edu@gmail.com](mailto:facirolli.edu@gmail.com).  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0004741028203443>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0831-4453>.

<sup>3</sup> A ordem ideológica, econômica, política e legal que constitui uma sociedade ou um Estado.



própria Alemanha, está sendo combatida, e se ele tem alguma idéia do poder da mente sobre o mundo, ele vai responder que este campo de batalha é a Universidade, em particular a Sala de Leitura n. 6, onde Schelling está dando suas palestras sobre a Filosofia da Revelação. Pois no momento todas as oposições separadas que competem com a filosofia de Hegel para este domínio são obscurecidas, embaçadas e empurradas para segundo plano pela única oposição de Schelling; Todos os atacantes que estão fora da filosofia, Stahl, Hengstenberg, Neander, estão abrindo caminho para um lutador que é esperado para dar batalha para o inconquistado em seu próprio terreno. E a batalha é realmente peculiar o suficiente. Dois velhos amigos da juventude, companheiros de quarto no seminário teológico de Tübingen, estão depois de quarenta anos se encontrando novamente como oponentes; um deles a dez anos morto (Hegel), mas, mais vivo do que nunca em seus alunos; o outro (Schelling), como este último diz, intelectualmente morto há três décadas, mas agora de repente reivindicando para si o poder e a autoridade plena da vida. Qualquer um que seja suficientemente "imparcial" para se declarar igualmente alheio a ambos, isto é, não ser hegeliano, pois com certeza ninguém pode se declarar do lado de Schelling depois das poucas palavras que ele disse - qualquer um que possua esse nome. A vangloriada vantagem da "imparcialidade" será vista na declaração da morte de Hegel pronunciada pela aparição de Schelling em Berlim, a vingança dos deuses pela declaração da morte de Schelling, que o próprio Hegel pronunciou em seu tempo.

Um público imponente e colorido reuniu-se para testemunhar a batalha. Na frente, os notáveis da Universidade, as principais luzes da ciência, homens dos quais todos criaram uma tendência própria; para eles, os assentos mais próximos da tribuna foram reservados, e atrás deles, misturados à medida que o acaso os levava ao salão, representantes de todas as esferas da vida, nações e crenças religiosas. No meio de jovens de alto astral, há aqui e ali um funcionário da equipe empanado e ao seu lado, talvez, sem vergonha, um voluntário que, em qualquer outra sociedade, não saberia o que fazer por reverência a um superior tão alto. Antigos médicos e eclesiásticos, cujo jubileu de matrícula pode ser celebrado em breve, sentem o estudante há muito esquecido assombrando suas mentes e voltando à faculdade. O judaísmo e o islamismo querem ver o que é a revelação cristã: alemão, francês, inglês, húngaro, polonês, russo, grego moderno e turco, pode-se ouvi-los todos juntos, então o sinal do silêncio soa e Schelling monta a tribuna. Um homem de estatura mediana, com cabelos brancos e olhos azuis claros e brilhantes, cuja expressão é mais alegre do que imponente e, combinada com uma certa plenitude de figura, indica mais o jovial homem de família do que o pensador do gênio, uma dura, mas voz forte, sotaque suábio-bávaro, é a aparência exterior de Schelling. (ENGELS, *Schelling sobre Hegel*, dezembro de 1841).

O público também incluiu o anarquista russo Mikhail Bakunin e Soren Kierkegaard, que seria o fundador do existencialismo. A proposição de Schelling era que Hegel confundira “essência” e “existência”, e o que era necessário era um retorno a uma filosofia da existência. Kierkegaard ridicularizou Hegel por “reconstruir” a história em retrospecto, “mas a história tem que ser vivida para frente, não para trás”. De sua parte, Engels insistia que os jovens e todos os inimigos da autocracia deveriam se mobilizar em defesa de Hegel. Ele caracterizou a



proposição de Schelling como uma “filosofia da revelação”, ou “positivismo” (em oposição ao ponto de vista "negativo" da Razão).

Schelling, como se viu, não obteve muito apoio para sua posição, mas o jovem teólogo dinamarquês Kierkegaard, declarando a falência da Razão, pode ser visto como o fundador do existencialismo, que é continuado por Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Martin Heidegger. E através de Heidegger é um componente significativo do cenário filosófico de hoje. O existencialismo parece retomar a denúncia de Schelling do foco de Hegel na Essência, e substitui o estudo de Hegel da gênese essencial das noções como uma análise do Ser.

Arthur Schopenhauer, que havia lecionado na Universidade de Berlim por 24 semestres, e havia falado regularmente em uma sala de aula vazia, na porta ao lado e na mesma hora em que Hegel discursava para uma audiência grande e crescente. Em maio de 1825, ele havia renunciado a sua carreira para viver como um recluso. Em 1844, um obscuro livreiro de Berlim aceitou o manuscrito de Schopenhauer muitas vezes rejeitado, “O Mundo como Vontade e Representação”, e este livro - o trabalho fundador do Voluntarismo, no estilo da filosofia alemã clássica, mas apaixonadamente hostil ao seu espírito – ganhou Schopenhauer em todo o mundo reconhecimento e fez com que Nietzsche falasse de Schopenhauer como seu “grande mestre”.

Na Grã-Bretanha, John Stuart Mill e na França Auguste Comte se apresentaram como os proponentes do positivismo. O positivismo é algo difícil de caracterizar, porque, como toda ideologia, está intimamente ligado ao destino não de qualquer proposição ou tese, mas ao destino de uma entidade social, e sobe e desce, e se transforma de acordo com o destino do social, movimento que reflete. O positivismo é a corrente na epistemologia que procura falar pela ciência; rejeita a “especulação” e vê a tarefa do conhecimento filosófico resumindo e expressando o conhecimento positivo reunido pelas ciências. Na primeira fase de seu desenvolvimento, o primeiro lugar foi dado à sociologia; nisso, expressava a crença no poder libertador da ciência e a necessidade urgente de a ciência substituir a religião e todas as formas de especulação “metafísica” ou religiosa não científica e, conseqüentemente, a necessidade de uma concepção científica da sociedade, baseada na análise racional dos dados dos sentidos.

Mikhail Alexandrovich Bakunin havia estudado Hegel em Moscou, mas emigrara em 1840 para se juntar aos jovens hegelianos em Berlim. Sua carreira posterior veria Bakunin lutando na Revolução de 1848 em Praga e Dresden, retornando à Rússia, exilado na Sibéria, ingressando na Primeira Internacional, mas finalmente expulso em 1872 e fundando os



movimentos Narodnik e Anarquista na Rússia - o mais extremo dos radicais burgueses, defendendo a insurreição imediata e o esmagamento de todos os estados.

No início de 1841, Ludwig Feuerbach publicara sua *Essência do Cristianismo*:

com um golpe, pulverizou a contradição, na qual, sem pleonasmos, colocou novamente o materialismo no trono. A natureza existe independentemente de toda filosofia... o feitiço foi quebrado; o “sistema” foi explodido e deixado de lado... deve-se ter experimentado o efeito libertador deste livro para ter uma idéia dele. Entusiasmo era geral... mas uma filosofia não é descartada pela mera afirmação de que é falsa... tinha que ser “sublocada” em seu próprio sentido, ... o novo conteúdo que tinha sido obtido através dela tinha que ser salvo... (ENGELS, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia alemã clássica*).

Em quase um momento após o saque do Ministro da Cultura do Kaiser Wilhelm Friedrich em 1841, surgiu o Existencialismo, o Voluntarismo, o Anarquismo, o Positivismo e o Materialismo!

Engels disse do discurso de Schelling em 1841:

Será nosso negócio seguir o curso do seu pensamento [de Schelling] e proteger o túmulo do grande homem [Hegel] do abuso. Nós não temos medo de lutar. Nada mais desejável poderia ter acontecido a nós do que por um tempo ser "A Igreja oprimida". Lá a parte das mentes. O que não é genuíno é provado no fogo, o que é falso não devemos perder em nossas fileiras. Os oponentes devem nos conceder que a juventude nunca antes correu para nossas cores em tal número, que o pensamento que nos domina nunca se desdobrou tão ricamente, que a coragem, a convicção e o talento nunca foram tão do nosso lado como agora. Por isso nos levantaremos confiantemente contra o novo inimigo; no final, alguém será encontrado entre nós que provará que a espada do entusiasmo é tão boa quanto a espada do gênio.

Deixe que Schelling veja se consegue reunir uma escola. Muitos só se juntam a ele agora porque se opõem a Hegel e aceitam com gratidão qualquer um que o ataca... [ENGELS, *Schelling sobre Hegel*, dezembro de 1841]

Em outubro de 1843, Engels publicou seus “Esboços de uma Crítica da Economia Política”, que chamaram a atenção de Karl Marx, e os jovens de 23 anos começaram uma correspondência.

Em 1848, ano da publicação do “Manifesto Comunista”, a Europa estava em chamas com a Revolução. Pela primeira vez, o proletariado chegou ao cenário político como uma força para si. A Revolução foi derrotada, com os Junkers ganhando controle na Alemanha e o Exército na França. Mas durante todo o período seguinte, a classe trabalhadora permaneceu a



principal ameaça à sociedade burguesa. A Primeira Internacional foi fundada em 1863, com os Conselhos de Comércio na Grã-Bretanha e a rápida ascensão do Partido Social-Democrata Alemão e da Comuna de Paris mantendo o poder do Estado por um curto período em 1871.

O surgimento do trabalho como força social consciente põe fim ao período clássico da epistemologia burguesa. A explosão de 1841 antecipa essa explosão e a irreversível mudança de paradigma que se segue. A “Natureza” falou. Para a filosofia burguesa antes desta época, as massas trabalhadoras (ou o que os pós-modernos chamam de “sub-alternância” – a “congregação” de quem se fala e fala, mas não têm o direito de falar) eram como a Natureza, algo além sensação, o inconsciente.

## 1 IRRACIONALISMO E POSITIVISMO

O período de desenvolvimento da filosofia burguesa, de 1840 a 1860, é o período em que as tendências e forças de uma nova época de desenvolvimento são formadas. O período de expansão do capitalismo que se seguiu à derrota da Comuna em 1871, até o esgotamento do período de expansão colonial, e a abertura do período do imperialismo na virada do século, marca o próximo período específico no desenvolvimento da ideologia burguesa.

A partir da década de 1840, já não é possível desenvolver a ideologia burguesa sob a forma de uma “religião secular”, mas a ideologia é trabalhada em conflito dentro de domínios de investigação específicos e separados, principalmente: economia política, psicologia, ciências naturais e sociologia.

As figuras que lançam o ataque inicial a Hegel, Feuerbach e Schelling, não reuniu em torno deles, um seguimento substancial e duradouro. John Stuart Mill e Auguste Comte já eram bem conhecidos no final da década de 1830, e, como se vê, os principais expoentes do primeiro período imediatamente após 1841, são Mill, Comte e depois Herbert Spencer (positivistas), Søren Kierkegaard e Arthur Schopenhauer (os precursores do existencialismo), o anarquista Mikhail Bakunin e os comunistas Karl Marx e Frederick Engels.

Politicamente falando, esses notáveis cobrem um campo tão amplo quanto é possível imaginar. Sem obscurecer as diferenças entre anarquismo e comunismo e a base de classe dessas diferenças políticas, não é sensato compreender o marxismo ou o anarquismo como parte do organismo da ideologia burguesa. Eles serão considerados separadamente em outro lugar.



Os outros filosoficamente se dividem claramente em dois campos. Apesar da hostilidade mútua que é um pré-requisito profissional, e apesar da diversidade política dentro de cada campo, temos, por um lado, os “sociólogos” Comte, Mill e Spencer e, por outro lado, os “psicólogos” Kierkegaard e Schopenhauer.

## 2 A CONDIÇÃO HUMANA

O jovem Ludwig Feuerbach expressou a Essência comum da queda do hegelianismo, e ele tem que ser creditado com o fato de que ele lançou seu ataque a Hegel, enquanto Hegel ainda era o gosto da década:

A filosofia moderna percebeu e negou o ser divino, que é separado e distinguido da sensação, do mundo e do homem. Mas percebeu e negou esse ser divino apenas em pensamento, na razão, e de fato, nessa razão, também é separado e distinguido da sensação, do mundo e do homem. Ou seja, a filosofia moderna provou apenas a divindade da mente; reconheceu apenas a mente e, de fato, a mente abstrata, como o ser divino e absoluto”. (S.18, *Princípios da Filosofia do Futuro*, publicado dois anos depois de *A Essência do Cristianismo*, em 1843).

Quando Comte, por exemplo, diz:

O Universo deve ser estudado não por si mesmo, mas por causa da Humanidade. Estudá-lo em qualquer outro espírito não seria apenas imoral, mas também altamente irracional. Pois, como afirmações de pura verdade objetiva, nossas teorias científicas nunca podem ser realmente satisfatórias... É para o sentimento social determinar esses limites; fora do qual nosso conhecimento sempre permanecerá imperfeito e inútil... o intelecto aceitaria, sob o positivismo, sua posição própria de subordinação ao coração.

Há sim, uma significativa dívida com Hegel, mas ele também está definitivamente pedindo o fim da “metafísica”, e quando Kierkegaard diz: “a ciência, tanto quanto a poesia e a arte, assumem uma disposição... um erro na modulação é tão perturbador quanto um erro na exposição do pensamento”, podemos reconhecer algo do mesmo pensamento. O problema é que a solução de Comte (que provavelmente foi à dominante) levou a uma quebra ainda maior da unidade do trabalho humano, com “1.001” “especialistas” se afastando em sua pequena área. Assim, a grande síntese que Hegel alcançou, embora idealisticamente foi perdida nas próprias pessoas que mais precisavam dela.



Feuerbach abriu a primeira seção histórica da “Filosofia do Futuro” com: “A tarefa da era moderna foi a realização da humanização de Deus – a transformação e dissolução da teologia em antropologia”. Ele mostra que isso começa com o protestantismo. Todos diziam que a agência humana não apenas expressava algo (como A Ideia Absoluta), essa “agência” humana era a questão, o homem não era apenas um “agente”. Isso já estava implícito na maneira altamente política em que os jovens hegelianos estavam promovendo a filosofia, e o *establishment* sabia disso!

Kierkegaard está a respeito do pecado; ele não quer apenas observar o pecado, explicá-lo, chamá-lo de doença – deve ser denunciado e denunciar o pecado significa dor e sofrimento reais. Ele é contra a “objetividade científica”, de olhar desapaixonadamente para o pecado como algo neutro, objetivo. Sua coisa toda sobre a disposição é um corte, que visa toda a base da lógica, o racionalismo (no sentido degradado da palavra) e a ideia absoluta.

Schopenhauer queria colocar a Vontade humana, subjetiva no centro do sistema, não uma forma de pensamento objetivo, mas uma vontade muito subjetiva, humana, sofrida e dolorosa:

todo afeto mais forte ou heterogêneo desses órgãos sensoriais é doloroso, em outras palavras, é contra a Vontade; ... para torná-los dados para o entendimento, (eles devem) alcançar o grau mais alto, no qual eles estimulam à vontade, isto é, excitam a dor ou o prazer, embora mais frequentemente a dor.

E Feuerbach está indo em uma direção que tem algum ponto de contato com isso:

A nova filosofia considera e avalia ser como é para nós, não apenas como pensamento, mas como seres realmente existentes; assim, considera-se como um objeto de ser, como um objeto de si mesmo. Sendo como objeto de ser - e somente este ser é ser e merece o nome de ser - é o ser dos sentidos, percepção, sentimento e amor. Ser é, portanto, um segredo de percepção, de sentimento e de amor. "(S.33, Princípios de Filosofia do Futuro.

### 3 KIERKEGAARD E SCHOPENHAUER

Kierkegaard e Schopenhauer estão unidos, um pouco mais, em seu ódio permanente a Hegel.

O objeto da atenção de Kierkegaard é o pecado. Em seu ataque definitivo a Hegel, “O Conceito de Angústia”, ele aponta que "a ciência, tanto quanto a poesia e a arte, assumem um



estado de espírito”, um erro na modulação é tão perturbador quanto um erro na exposição do pensamento:

[...] mas o bom humor [para consideração do pecado] é a forte oposição da seriedade. O humor da psicologia é o pavor que corresponde à sua descoberta, e, em seu pavor, delineia o pecado, enquanto, repetidas vezes, ele se assusta com o esboço que produz. Quando o pecado é tratado de tal maneira, torna-se mais forte... Assim que o pecado é falado como uma doença, uma anormalidade, um veneno, uma desarmonia, então o conceito também é falsificado. O pecado não pertence propriamente a nenhuma ciência. É o tema com o qual o sermão lida.... (KIERKEGAARD, *O Conceito de Angustia*, 1844).

Kierkegaard continua dizendo que a Ética também não é a ciência correta para lidar com o pecado, já que “a ética é afinal uma ciência ideal, ... A ética traz a idealidade para a realidade; por outro lado, seu movimento não é projetado para elevar a realidade à idealidade. “Então é só” dogmática”, ou seja, o dogma cristão, que é capaz de lidar com o pecado: “Enquanto a psicologia está percebendo a possibilidade real do pecado, a dogmática explica o pecado original, que é a possibilidade ideal do pecado”. (KIERKEGAARD, excertos de *O Conceito de Angustia*, 1844)

Para Hegel “Tudo o que é racional é real e tudo o que é real é racional”. Indignado com o caráter corrupto e pecaminoso da Igreja e da sociedade de seus dias, Kierkegaard não se contenta em explicar ou deplorá-lo. Deve ser denunciado: “A nova ética pressupõe a dogmática e junto com esse pecado original, e por isso agora explica o pecado do indivíduo, enquanto, ao mesmo tempo, apresenta a idealidade como uma tarefa, não por um movimento de cima para baixo, mas de baixo para cima”.

Schopenhauer, por outro lado, constrói um sistema do tipo de Filosofia Alemã Clássica, mas com a vontade no centro: “O processo pelo qual e em que o corpo existe, não são nada além da aparência fenomenal da Vontade, ... as partes do corpo devem corresponder completamente às principais demandas e desejos pelos quais a vontade se manifesta; ... Dentes, garganta e canal intestinal é a fome objetivada; os genitais são objetivados impulso sexual”. A filosofia de Schopenhauer recebe assim o nome de Voluntarismo, procurando resolver o ceticismo de Kant identificando a coisa em si mesma com a vontade (em vez do ego como com Fichte ou a natureza como no jovem Schelling).

A posição de Schopenhauer é como Fichte, a do idealismo subjetivo: “que outro tipo de existência ou realidade poderíamos atribuir ao resto do mundo material? De que fonte poderíamos extrair os elementos dos quais construímos tal mundo? Além da vontade e da



representação, não há absolutamente nada conhecido ou concebível para nós” (SCHOPENHAUER, *O mundo como vontade e representação*, 1819/1844).

Schopenhauer fez uma importante progressão a partir de Kant, ao reconhecer a identidade entre as necessidades humanas e a representação sensual: “todo afeto mais forte ou heterogêneo desses órgãos sensoriais é doloroso, em outras palavras, é contra a Vontade; ... para torná-los dados para o entendimento, [eles devem] alcançar o grau mais alto no qual eles estimulam a vontade, isto é, excitam a dor ou o prazer, embora mais frequentemente a dor”. O teor pessimista da filosofia de Schopenhauer é particularmente destacado: a experiência é “prazer, embora mais frequentemente dor”! Mas o dualismo da relação sujeito-objeto é resolvido pela total subordinação do mundo material à vontade individual, resolvendo o dualismo em favor do sujeito, para quem o mundo exterior é tanto “prazer, embora mais frequentemente dor”!

No entanto, dentro da mentalidade religiosa secular da epistemologia clássica, esse idealismo subjetivo é invariavelmente reacionário em suas implicações políticas porque deprecia a função criativa do trabalho e promove a ação irrestrita dos governantes. A resistência da Natureza à Vontade é “dor” que deve ser superada por uma força maior.

Assim, Schopenhauer e Kierkegaard rejeitam o que eles veem como o “racionalismo” de Hegel, em favor de uma virada para dentro da fé, no caso de Kierkegaard, e vontade no caso de Schopenhauer. Em ambos os casos, o valor do Conhecimento é deliberadamente descontado em favor do Sentimento, Razão em favor da Vontade (seja Divina ou humana), Experiência em favor do Sofrimento.

Ambas as tendências inspiraram e atraíram a Direita política, e certamente não há nada progressista ou otimista sobre elas. Ambos eram religiosos, mas não conformistas, Kierkegaard um luterano devoto em guerra com a Igreja estabelecida, Schopenhauer, um respeitável burguês alemão, com um pouco de interesse “new age” pelo hinduísmo.

É fácil dizer que sua filosofia foi uma resposta negativa e pessimista à ascensão do proletariado, mas por que e como essa reação é expressa em tal epistemologia? E por que neste momento? E também há um grão de verdade: a doutrina da racionalidade absoluta é em si uma forma de religião secular, como mostra Ludwig Feuerbach em sua *Essência do Cristianismo* de 1841.

Note que Schopenhauer não era um adversário da ciência. De fato, antes de sua escrita filosófica, ele mesmo era ativo na ciência natural (especialmente no negócio popular de analisar sensações). O pragmatismo, assim como o existencialismo, tem uma dívida com o voluntarismo e, por exemplo, na forma do Operacionalismo de Percy Bridgman, se dá bem



com a ciência natural tanto quanto com empirismo, ou melhor. O nome de "irracionalismo", que podemos anexar ao existencialismo e ao voluntarismo e, até certo ponto, também ao pragmatismo, não deve ser tomado como um termo de abuso. O irracionalismo se apresenta para apontar as limitações e fracassos da razão e da experiência, e tem seu grão de verdade.

#### 4 COMTE E MILL

O período após o expurgo do hegelianismo na Alemanha tem John Stuart Mill à principal figura da filosofia na Grã-Bretanha e Auguste Comte na França. Ambos foram grandes sintetizadores e refletiram o otimismo científico da burguesia de seu tempo, inspirando-se em Kant e Hume, aparentemente indiferente tanto pelo hegelianismo quanto por sua condenação na Alemanha. Cada um, no entanto, responde às condições sociais alteradas da Europa pela promoção da Ética.

A ética de Mill é a do utilitarismo. Jeremy Bentham, renomado por suas teorias sobre a reforma carcerária, deveria receber crédito como originador do utilitarismo, mas foi Mill que sistematicamente elaborou a teoria e o fez em conjunto com a economia política e seu trabalho teórico sobre as bases do sistema político britânico.

Comte cunhou o termo "Positivismo", pelo qual ele entendeu a "terceira fase" do desenvolvimento da sociedade humana após a teologia e metafísica, em que explicações eram em termos de essências, causas finais e outras abstrações. O estágio positivo moderno se distingue pela consciência das limitações do conhecimento humano. O conhecimento, ele afirmava, só podia ser relativo à natureza do homem como espécie e à sua situação social e histórica. Explicações absolutas foram, portanto, mais abandonadas para a descoberta mais sensata de leis baseadas nas relações observáveis entre os fenômenos. A sociologia reduziria os fatos sociais às leis e sintetizaria todo o conhecimento humano.

Comte não era democrata, no entanto. Sua noção de organização social imitava a hierarquia e a disciplina da igreja católica. De vários filósofos do Iluminismo, ele adotou a noção de progresso histórico, e de Saint-Simon, ele chamou a necessidade de uma sociologia básica e unificadora para explicar as organizações sociais existentes e orientar o planejamento social para um futuro melhor.

Como Mill, ele sustentou que os princípios subjacentes da sociedade são o egoísmo individual, encorajados pela divisão do trabalho, pela combinação de esforços e pela manutenção da coesão social por meio do governo e do estado. Contudo, Comte rejeitou a



democracia, enfatizando hierarquia e obediência, e como Saint-Simon, ele sustentava que o governo ideal seria constituído por uma elite intelectual, utilizando uma espécie de religião humanista para assegurar a coesão social.

Ambos os homens ajudaram na promoção do sufrágio feminino na sequência da morte trágica do amor da sua vida, e ambos eram defensores da reforma de vários tipos dentro de seu próprio país. Em filosofia, ambos enfatizam a análise racional dos dados da percepção e dão prioridade ao desenvolvimento social.

Nestes dois senhores burgueses “progressistas”, vemos de forma clássica as características nacionais da filosofia britânica e francesa: Mill, uma ética baseada nas leis da economia política do capitalismo *laissez-faire* (deixe fazer), Comte, uma ética da ditadura benigna da *Razão* baseada em leis de formação sócio-histórica de conhecimento e crença.

## 5 UM NOVO PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO ESSENCIAL

Dezembro de 1841 marca uma descontinuidade de nitidez espetacular na filosofia alemã. Assim como na física de Einstein não pode haver simultaneidade de eventos separados no espaço, também no cenário europeu mais amplo, a ruptura de 1841 se manifesta em uma série de mudanças, refletindo um processo subjacente comum de transformação, que por sua vez tem seu espetáculo social nas Revoluções de 1848.

No período anterior a 1841, a civilização europeia estava desenvolvendo problemas sócio-históricos em um campo de pensamento separado do todo, vida concreta da sociedade, a Teoria do Conhecimento, uma abstração tornada possível pela divisão altamente desenvolvida do trabalho e, em particular, a exploração do trabalho assalariado.

Caracterizei essa luta como uma formulação alienada da luta para entender a relação entre o trabalho humano e as necessidades humanas. Mas isso de maneira alguma afasta o fato de que conquistas reais foram feitas na Teoria do Conhecimento. A sociedade humana foi há muito, há muito tempo destruída pela divisão social do trabalho, e a transcendência dessa ruptura é uma longa luta histórica. O caráter místico do processo decorre das limitações impostas aos pensadores profissionais sob condições em que o contato real com a Natureza, a produção real e a satisfação real das necessidades humanas naturais são implícitas e inconscientes, porque a classe produtora em si é silenciosa. Bem, não é silencioso – mas não é ouvido.



O período de transformação da ideologia burguesa que estamos observando é o período, na Grã-Bretanha, a partir da publicação da Carta do Povo em 1838, que continuou até as demonstrações cartistas finais em 1848, no mesmo ano, que viu a insurreição popular em Paris, em fevereiro, derrubando a Monarquia de Julho, os tumultos em Viena que levaram à queda de Metternich e à emancipação do campesinato, as revoltas nacionalistas na Hungria, o movimento para o governo representativo na Alemanha e a publicação do Manifesto Comunista, e leva até a fundação da Primeira Internacional e da Guerra Civil Americana em 1863 e da Comuna de Paris em 1871. As revoltas e revoluções de 1848 são todas derrotadas, mas de um modo ou de outro, muitos dos seus objetivos são alcançados durante o período de relativa estabilidade e prosperidade que se seguiu.

A teoria do conhecimento já foi tão longe quanto possível nos manuscritos de 1844 de Karl Marx. Mas a burguesia já declarou o expurgo de Hegel e as investigações do jovem Marx chegaram à fundação da Liga Comunista e à publicação do Manifesto Comunista, que pedia a derrubada de todas as condições sociais existentes.

Enquanto isso, a mecânica atingiu um nível razoavelmente alto de desenvolvimento, mas a ciência geralmente ainda está em um nível embrionário na medida em que se relaciona com a condição humana. *A Origem das Espécies* não deve ser publicada até 1859, enquanto a ciência da psicologia ainda está envolvida no misticismo. Helmholtz formula a lei da conservação de energia em 1847 e seu trabalho sobre os sinais nervosos e o calor corporal durante a década de 1850 cortam o terreno do vitalismo. As ciências da antropologia e da sociologia começam neste período.

Em outras palavras, a especulação sobre a condição humana levou a sociedade burguesa o máximo possível. Agora era necessário começar a investigação positiva e elaborar os detalhes. Em certo sentido, deve-se dar a Comte o devido: ao declarar o fim do período de especulação metafísica e o início do período de investigação científica natural com a sociologia no centro, ele afirmou com razoável precisão exatamente o que estava ocorrendo.

O próprio Hegel expressou a mesma ideia em suas Lições sobre Filosofia da História:

Anaxágoras foi o primeiro a enunciar a doutrina que Entendimento geralmente, ou Razão, governa o mundo. Não é inteligência como autoconsciente Razão, – não um Espírito como tal que se entende; e devemos distinguir claramente uns dos outros. O movimento do sistema solar ocorre de acordo com leis imutáveis. Essas leis são Razão, implícitas nos fenômenos em questão. Mas nem o sol nem os planetas, que giram em torno dele de acordo com essas leis, podem ter qualquer consciência deles. Um pensamento desse tipo – que a Natureza é uma personificação da Razão; que é imutável, subordinado às leis universais, parece algo surpreendente ou



estranho para nós. Estamos acostumados a tais concepções e não encontramos nada de extraordinário nelas. E eu mencionei essa extraordinária ocorrência, em parte para mostrar como a história ensina, que idéias desse tipo, que podem parecer triviais para nós, nem sempre estiveram no mundo; que pelo contrário, tal pensamento faz uma época nos anais da inteligência humana. Aristóteles diz de Anaxágoras, como o originador do pensamento em questão, que ele apareceu como um homem sóbrio entre os bêbados. Sócrates adotou a doutrina de Anaxágoras, e imediatamente tornou-se a idéia dominante em Filosofia, exceto na escola de Epicuro, que atribuía todos os eventos ao acaso.

"Fiquei encantado com o sentimento" – Platão diz Sócrates – “e esperava encontrar um professor que me mostrasse a natureza em harmonia com a Razão, quem demonstraria em cada fenômeno particular seu objetivo específico e, no todo, o grande objetivo do Universo. Eu não teria renunciado a essa esperança por muito. Mas como eu estava muito decepcionado, quando, tendo zelosamente me aplicado aos escritos de Anaxágoras, Descobri que ele só causa causas externas, como Atmosfera, Éter, Água e afins. "É evidente que o defeito que Sócrates se queixa de respeitar a doutrina de Anaxágoras não diz respeito ao princípio em si, mas à falha do proponente em aplicá-lo à natureza no concreto. A natureza não é deduzida desse princípio: a última permanece, de fato, uma mera abstração, na medida em que o primeiro não é compreendido e exibido como um desenvolvimento dele - uma organização produzida por e da Razão. Desejo, desde o início, chamar sua atenção para a importante diferença entre uma concepção, um princípio, uma verdade limitada a uma forma abstrata e sua aplicação determinada e desenvolvimento concreto. (HEGEL, *Filosofia da História*, Introdução)

O problema é que a Teoria do Conhecimento foi deixada como "negócios inacabados".

Além disso, a sociedade européia está a dar um novo salto na divisão social do trabalho, e a busca das ciências naturais se manifestará em uma divisão do trabalho na produção de idéias que exacerbam ainda mais o problema. A economia política britânica e a teoria social francesa têm os elementos do quebra-cabeça, mas não conseguem juntar tudo. A burguesia alemã sofreu uma derrota humilhante nas mãos dos Junkers, e o idealismo alemão foi desmascarado.

Este tempo marca o começo de uma nova época de desenvolvimento essencial da ideologia burguesa. A natureza falou. Na busca de uma compreensão da condição humana, um lado, que eu chamarei de irracionalismo, quer se afastar, para se voltar para dentro, rejeitando o valor do conhecimento em favor da fé ou da vontade. Por outro lado, o positivismo busca uma ética de conhecimento baseada no acúmulo do conhecimento positivo das ciências.

## 6 UMA DIVISÃO HISTÓRICA



A razão essencial para essa ruptura na ideologia burguesa é o nascimento de um movimento operário autoconsciente. Entre os que deram voz a essa nova força histórica está Karl Marx. A teoria de Marx desenvolveu-se com base na sociedade burguesa e em toda a história do pensamento burguês; não foi uma transcrição dos pensamentos dos proletários nem se baseou numa “cultura proletária” inexistente. É, no entanto, a expressão teórica dos interesses sociais e do destino histórico da nova força social que a sociedade burguesa deu à luz. É o destino histórico independente da classe trabalhadora que dá ao marxismo seu caráter essencial. Por mais que tente, a ideologia burguesa não pode mais representar o “povo todo”.

A divisão dentro da ideologia burguesa vem do fato de que ela recuou do monismo e retornou a uma ou outra forma de ceticismo.

No entanto, o proletariado só existe como parte da sociedade burguesa. Qualquer ideologia que expresse seu destino também deve compartilhar seu destino. A ideologia socialista revolucionária tem seu próprio caminho essencial de desenvolvimento, diferente e distinta da ideologia burguesa. No entanto, os dois se cruzam e se afetam mutuamente. Sem por um momento sugerir que o marxismo se desenvolve de alguma forma pura e independente. Isolados do desenvolvimento da cultura burguesa, ainda é necessário reconhecer dois organismos distintos - a ideologia burguesa e revolucionária-socialista.

## **7 ANARQUISMO E COMUNISMO**

A ideologia socialista revolucionária também se desenvolveu em uma luta. Tanto o anarquismo teórico quanto o socialismo moderno surgiram da dissolução dos jovens hegelianos e se baseavam na cultura burguesa. A luta entre o anarquismo (Bakunin, Proudhon e outros) e o comunismo (Marx e Engels) foi o principal eixo de desenvolvimento do movimento operário ao longo das próximas duas gerações, incluindo a Primeira Internacional, a Comuna de Paris e a Revolução Russa.



Recebido em: 23/09/2020

Aprovado em: 26/11/2020

Publicado em: 20/12/2020

## REFERÊNCIAS

- COMTE, A. *A General View of Positivism*. Cambridge University Press, 1990.
- ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy*. Progress Publishers, 1946.
- ENGELS, F. MARX, K. *Marx Engels Collected Works: From Engels' Notes, Volume 2: Schelling on Hegel*. Lawrence & Wishart, 1975.
- FEUERBACH, L. *The Essence of Christianity*. Hackett Publishing Company, Indianapolis/Cambridge, 1988.
- FEUERBACH, L. *Principles of Philosophy of the Future*. Hackett Publishing Company, Indianapolis/Cambridge, 1986.
- HEGEL, G.W.F. *Elements of the Philosophy of Right*. Cambridge University Press, 1982.
- HEGEL, G.W.F. *Lectures on the Philosophy of History*. Cambridge University Press, 1980.
- KIERKEGAARD, S. *The Concept of Dread*. Princeton University Press, 1968.
- SCHOPENHAUER, A. *The World as Will and Representation*. Dover Edition, 1969.